

APRESENTAÇÃO

O LEGADO DE FISHMAN E DESAFIOS PARA A SOCIOLINGUÍSTICA BRASILEIRA

Cristine G. Severo*

Edair Görski**

Universidade Federal de Santa Catarina

1 INTRODUÇÃO

Nesta apresentação, discorreremos sucintamente sobre três aspectos. Iniciamos com uma exposição sobre o percurso, os temas e os desafios da sociologia da linguagem, campo fundado por Joshua Fishman. Explicitamos algumas de suas principais obras, bem como a sua liderança acadêmica e ativista no campo das línguas minoritizadas, envolvendo grupos linguísticos periféricos e, muitas vezes, oprimidos. Atentamos, também, para a relação entre os termos sociologia da linguagem e sociolinguística. Na sequência, apresentamos uma visão panorâmica da sociolinguística no contexto brasileiro, atentando para desafios que se colocam para a sociolinguística brasileira em relação com a sociologia da linguagem, bem como para uma valorização do legado de Fishman. Por fim, arrolamos, de forma resumida, os sete trabalhos que integram este número especial, incluindo uma entrevista inédita com Ofelia García e a tradução de artigo assinado por Fishman e Cooper sobre atitudes linguísticas.

2 JOSHUA FISHMAN E A SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM: PERCURSOS, TEMAS E DESAFIOS

Joshua Fishman (1926-2015) é considerado o criador da área de sociologia da linguagem, também conhecida como sociolinguística fishminiana (Masters; Makoni, 2017; Garcia, 2015). Ele também foi o fundador da revista internacional de sociologia da linguagem (*International Journal of Sociology of Language*), em 1974. As preocupações de Fishman acerca da dinâmica social das línguas podem ser resumidas na seguinte questão levantada por ele em 1965: “Quem fala qual língua para quem e quando?” (Garcia, 2015), o que sinaliza para uma visão contextualizada espacial e temporalmente, em aliança com uma concepção social de língua. Trata-se de uma visão interdisciplinar de língua, radicalmente engajada com uma orientação sociológica.

Para situarmos o campo, cabe mencionar um breve histórico da emergência da área de sociolinguística. Esse surgimento tem sido atribuído ao evento realizado pelo *Summer Institute of Linguistics*, em Bloomington, no verão de 1964 (Garcia, 2015; Spolsky, 2011), onde estiveram reunidos Charles Ferguson, John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, William Labov, William Bright e Stanley Lieberman. Segundo Spolsky (2011), a sociolinguística de orientação anglo-americana teve seis pais fundadores: William Labov, com os estudos de variação linguística; Basil Bernstein, com os trabalhos sobre a correlação entre classe e código; Dell Hymes, com a etnografia da comunicação, adaptada da teoria da comunicação de Jakobson; John Gumperz, com a sociolinguística interacional; e Charles Ferguson e Joshua Fishman, com a sociologia da linguagem. Spolsky (2011) sinaliza, ainda, para três nomes que teriam influenciado os trabalhos desses seis fundadores: Einar Haugen, Uriel Weinreich e Sue Ervin-Tripp, o que significa que as reflexões sobre a relação entre linguagem e sociedade no contexto anglo-americano antecedem o evento de 1964. Entendemos que todos esses nomes apontam para diferentes orientações da sociolinguística. Nosso recorte incide prioritariamente sobre Fishman e a sociologia da linguagem.

* Pesquisadora nível 2 do CNPq. Professora associada IV da Universidade Federal de Santa Catarina e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Lidera o grupo de pesquisa Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (CNPq). Email: crisgorski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2758-6668>.

** Professora adjunta IV aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando como voluntária no Programa de Pós-Graduação em Linguística dessa instituição na área de Sociolinguística e Dialetolegia. E-mail: edagorski@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-0705-5418>.

Em termos conceituais, as acepções de sociologia da linguagem e sociolinguística são, muitas vezes, intercambiáveis no cenário acadêmico anglo-americano (Spolsky, 2011), diferentemente do Brasil, em que a sociolinguística recobre, de forma geral, a teoria de variação e mudança, centrada nos trabalhos de William Labov (Severo; Görski, 2017). Sobre a história do campo da sociologia da linguagem, no contexto norte-americano, Fishman teria ministrado o primeiro curso de sociologia da linguagem em 1956, na Universidade da Pensilvânia, tendo reproduzido o curso posteriormente na Universidade de Yeshiva, onde atuou com destaque administrativo e intelectual (Garcia, 2015; Spolsky, 2011). Em termos de pesquisas iniciais de impacto social, destacam-se os estudos de Fishman sobre a lealdade linguística nos Estados Unidos (*Language Loyalty in the United States: The Maintenance and Perpetuation of Non-English Mother Tongues by American Ethnic and Religious Group*), publicado em 1966, considerado um marco inicial do campo (GARCIA, 2015). Já na década de 1970, Fishman publicou uma série de trabalhos que contribuíram para a consolidação do campo, como: *Sociolinguistics* (1970); *Advances in the Sociology of Language I* (1971); *Advances in the Sociology of Language II* (1972); *Language in Sociocultural Change* (1972); e *The Sociology of Language* (1972) (Garcia, 2015).

De forma geral, a sociologia da linguagem recobre “[...] toda a gama de tópicos relacionados com a organização social do comportamento linguístico, incluindo não só o uso da língua *per se*, mas também atitudes linguísticas e comportamentos manifestos em relação à língua e aos seus usuários” (Fishman, 1974, p. 25). Essa definição ampla ressoa, ainda, nos trabalhos publicados na revista internacional de Sociologia da Linguagem, cujos temas, metodologias e orientações teóricas revelam a dimensão interdisciplinar e internacional do campo. Em termos da produção bibliográfica de Fishman, Garcia (2015, p. 394-395) agrupa seus trabalhos em três grandes categorias:

- 1) Aspectos de políticas linguísticas, com os subtemas i) políticas linguísticas, com as obras *Language Problems of Developing Nations* (1968); *Advances in Language Planning* (1973); *Language Planning Processes* (1977); *Progress in Language Planning* (1983); *The Earliest Stages of Language Planning* (1993); e *Do Not Leave your Language Alone* (2006); ii) língua e nacionalismo, com a obra *Language and Nationalism* (1972); iii) manutenção, substituição e revitalização linguística, com *Language Maintenance* (1977); *Reversing Language Shift* (1991); e *Can Threatened Languages be Saved?* (2001); iv) e língua e poder, com *Along the Routes to Power* (2006).
- 2) Aspectos de língua, etnicidade e identidade, com os subtemas i) língua e etnicidade, a exemplo das obras *Ethnicity in Action* (1985); *The Rise and Fall of the Ethnic Revival* (1985); *Language and Ethnicity in Minority Sociolinguistic Perspective* (1989); *In Praise of the Beloved Language: A Comparative View of Positive Ethnolinguistic Consciousness* (1996); ii) língua e identidade, com os trabalhos *Handbook of Language and Ethnic Identity* (1999); *Handbook of Language and Ethnic Identity, Vol. 1* (2010); *Handbook of Language and Ethnic Identity, Vol. 2* (2011); e iii) língua e religião, com o livro *Explorations in the Sociology of Language and Religion* (2011).
- 3) Aspectos de bi/multilinguismo e de diferentes línguas, tais como as obras: *Advances in the Study of Societal Multilingualism* (1978); *Bilingual Education* (1976); *Bilingual Education for Hispanic Students in the United States* (1982); *Yiddish in America* (1965); *The Multilingual Apple* (2001); *Developing Minority Language Resources: Spanish for Native Speakers in California* (2008); *The Spread of English* (1977); *Post-Imperial English* (1996).

Além desses trabalhos, Fishman é autor de quase 100 livros e mais de 1.000 artigos. Ele também se destacou pela organização de números especiais de revistas e de obras. A extensão de sua bibliografia também inclui os 120 volumes publicados pela editora Mouton, sobre as Contribuições da Sociologia da Linguagem, entre 1971 e 2023 (<https://www.degruyter.com/serial/csl-b/html#volumes>). Fishman também foi agraciado com a publicação de uma série de volumes dedicados a seu legado, por uma série de intelectuais, entre os/as quais, ex-alunos/as (García, 2015).

Cabe destacar, ainda, o perfil ativista de Fishman, cuja trajetória acadêmica e pessoal foi perpassada pela pergunta “O que você fez pelo ídiche hoje?”, feita por seu pai (Spolsky, 2017; cf. García, neste volume). Fishman cresceu na Filadélfia, sendo filho de uma família de imigrantes oriundos da Rússia czarista que, juntamente com outros, falavam o ídiche. Ocorre que em seu bairro havia também famílias de classe média de origem judaica que desconheciam o ídiche. Esse contexto sociolinguístico pessoal teria motivado o ativismo linguístico de Fishman em defesa do ídiche (Fishman 1991a *apud* Spolsky, 2015), a exemplo de uma ampla gama de publicações e organizações de números especiais sobre o tema, conforme já sucintamente apresentado. Fishman foi um intelectual engajado com a ação social, ultrapassando os muros da academia e os limites da abstração teórica (Masters; Makoni, 2017; Hornberger, 2017), conforme também atestado por García e Schiffman (2006, p. 25): “Enquanto muitos pesquisadores se

queixam das línguas ameaçadas e em perigo no mundo de hoje, Fishman transformou a sua conceitualização de manutenção e substituição linguística em um programa de ação social.”¹ Seu engajamento era especialmente direcionado para as pessoas falantes de línguas minoritizadas, para a periferia e para grupos oprimidos, em prol da justiça social (García, 2015, p. 397): “É precisamente o compromisso de Fishman com a justiça social que impede a sua pesquisa de seguir cegamente uma disciplina, uma metodologia de pesquisa ou uma voz externa amplamente considerada como a única verdade objetiva. Seu trabalho é multifacetado [...]”².

A faceta interdisciplinar de Fishman se evidencia, especialmente, na sua demanda por um diálogo robusto e consistente entre a sociologia e a linguística. Em artigo publicado em 1994, o autor diagnostica uma crise vivenciada pela sociolinguística americana, que teria negligenciado a dimensão social de sua abordagem em prol da dimensão linguística. Essa crise, segundo ele, teria sido motivada por alguns elementos: o status reduzido da sociologia norte-americana; o desinteresse da sociologia por questões de linguagem; a emergência da sociolinguística a partir dos interesses prioritários da linguística antropológica; a cisão disciplinar entre sociologia e antropologia; e a sociologia tida como um campo não rigoroso, na contramão do que a linguística buscava em termos de “rigor”. Além disso, Fishman (2022 [1991]) afirma que a separação entre sociologia e linguística fez com que as explicações para os fenômenos sociais/sociológicos da linguagem ficassem simplificadas e simplistas, fruto de uma falta de engajamento teórico e metodológico com a sociologia. Diante desse diagnóstico, Fishman tece uma crítica à formação na área da sociolinguística, defendendo um empenho multiteórico e metodológico em prol da compreensão da relação entre linguagem e sociedade, evitando ingenuidade sociológica por parte dos (socio)linguistas.

Tendo feito essa apresentação sucinta do percurso, dos temas e dos desafios da área de sociologia da linguagem fundada por Joshua Fishman, a seguir veremos como essas questões dialogam e reverberam no contexto sociolinguístico brasileiro.

3 SOCIOLINGÜÍSTICA NO BRASIL E O LEGADO DE FISHMAN

Iniciamos esta seção com uma retrospectiva acerca da inserção das disciplinas de Linguística e de Sociolinguística nos currículos dos cursos de Letras e de Pós-Graduação na área de linguagens no cenário brasileiro. Entendemos que a história da institucionalização das áreas e disciplinas nos ajuda a compreender o percurso dos saberes linguísticos. A Linguística foi implantada em 1961 nos cursos de graduação e dava ênfase à descrição científica das línguas, numa perspectiva sincrônica. Nas décadas de 1960-1970, os cursos de pós-graduação receberam um impulso significativo. Na Região Sul, por exemplo, o Programa de Pós-Graduação em Letras, criado em 1971, apresentava em sua estrutura curricular a área de Etnolinguística, com nítida interface entre a Linguística e a Antropologia. Na UFSC, essa área abrigava as disciplinas de Antropologia cultural, Etnologia brasileira, Etnolinguística e Sociolinguística, entre outras (Vandresen, 2001).

Chama-nos a atenção o modo como tal configuração curricular se aproxima da realidade acadêmica norte-americana da época, onde a linguística antropológica era o ponto de partida para a sociolinguística, invisibilizando a dimensão “sócio” vinculada à sociologia, conforme apontado por Fishman (2022 [1991]) e já esboçado na seção anterior. Ainda de acordo com esse autor, a distinção entre etnolinguística e sociolinguística era bastante trivial e o termo inovador no campo ‘sociolinguística’ foi o preferido ficando a ‘etnolinguística’ praticamente adormecida.

Ainda na década de 1970, em um texto seminal na área intitulado *Tarefas da sociolinguística no Brasil*, Paulino Vandresen (1973) enfatiza o que se convencionou chamar de microssociolinguística (cf. Severo; Görski, neste volume) ao afirmar que essa disciplina “[...] tenta descobrir a covariação sistemática entre a estrutura linguística e os fatos sociais que motivaram as variações no sistema linguístico” (p. 6). Paralelamente, contudo, o autor considera também atitudes dos falantes, reações valorativas e sanções sociais como aspectos que dizem respeito a relações mais amplas entre língua e sociedade. Ao enumerar as tarefas mais urgentes da sociolinguística, Vandresen as organiza em três conjuntos: i) línguas em contato – em especial questões de bilinguismo envolvendo

¹ No original: “While many scholars complain about threatened and endangered languages in the world today, Fishman turned his conceptualization of language maintenance and language shift into a program of social action”.

² No original: “It is precisely Fishman’s commitment to social justice that prevents his scholarship from blindly following one discipline, one research methodology or external voice widely regarded as the only objective truth. His work is multifaceted [...]”.

línguas indígenas, de imigrantes europeus e asiáticos e línguas africanas –, chamando a atenção para a necessidade de buscar explicações sociais para o comportamento linguístico dos falantes nessas situações; ii) estudos sociolinguísticos da língua portuguesa – abrangendo a questão da(s) norma(s) culta(s) nacional e/ou regionais e dos valores atribuídos aos diferentes dialetos sociais; e iii) problemas teóricos e metodológicos – com foco na necessidade de construção de uma metodologia uniforme de pesquisa que permita comparar resultados de estudos da fala de diferentes regiões e grupos sociais. As tarefas delineadas para a área reuniam, portanto, interesses voltados basicamente a variação e a contato linguístico e aspectos relacionados.

No contexto brasileiro, a área de sociolinguística passou a ganhar visibilidade ao dar nome a um dos Grupos de Trabalho (GTs)³ que integram a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), criada em 1984. Nos primeiros anos, as áreas de sociolinguística e de bilinguismo constituíam-se em dois GTs distintos; em 1987, esses GTs foram fundidos em um só, sob a denominação de sociolinguística. Essa fusão ocorreu em um Encontro da ANPOLL onde foram discutidos os “rumos da sociolinguística no Brasil” e onde foi delineado um primeiro perfil do GT, que contemplava projetos em diferentes instituições e com diferentes orientações: a perspectiva variacionista laboviana (Projeto Censo-RJ); a difusão lexical (UFMG); projetos interinstitucionais na Região Sul (Atlas Linguístico e Etnográfico – ALERS, Variação Linguística Urbana – VARSUL e Estudos de Bilinguismo); e projetos de variação e mudança na sintaxe, na perspectiva paramétrica (UNICAMP). Nos anos seguintes foram se ampliando os enfoques das pesquisas, acrescentando-se os temas: multilinguismo e línguas em contato, sociolinguística interacional, diversidade linguística e ensino e atitudes linguísticas. (Vandresen, 2003).

Quase três décadas depois da publicação do texto seminal de Vandresen (1973), Mollica e Roncarati (2001, p. 52), em um artigo que reflete diretrizes básicas delineadas no Encontro do GT em 2000, apresentam um balanço das pesquisas em sociolinguística e uma proposta de agenda de trabalho para a área. As autoras focalizam estudos descritivos sincrônicos acerca da variação linguística no português falado no Brasil e elencam as seguintes questões a serem investigadas:

- (a) exame da tensão entre fatores sociais e funcionais; (b) reflexão sobre a natureza da variação; (c) proposição de universais sociolinguísticos numa perspectiva comparativista inter e intralinguística; (d) aquisição da contraparte variável da língua em comunidades monolíngues, bilíngues e plurilíngues e (d) inter-relações entre variacionismo, geografia dialetal, funcionalismo e gerativismo.

Como podemos perceber, a agenda de trabalho coloca fortemente o foco na variação linguística, mesmo quando acena para comunidades bi e plurilíngues. Apenas na conclusão de seu artigo, as autoras fazem uma rápida menção à “[...] coexistência da Sociolinguística *stricto sensu* com uma macroárea em que se incluem, por exemplo, a Crioulística, o Bilinguismo e o Multilinguismo, a Geolinguística e a Linguística Histórica, dentre outros campos de investigação” (p. 52).

Observando comparativamente as tarefas propostas por Vandresen (1973) e a agenda apresentada por Mollica e Roncarati (2001), notamos que, enquanto as primeiras têm um caráter mais amplo – dando igual destaque para línguas em contato, descrição de variedades do português, atitudes linguísticas e preocupação metodológica com análises comparativas –, a segunda contempla basicamente a questão da variação linguística e interfaces com teorias linguísticas. Esse é um aspecto importante que mostra como o GT de Sociolinguística vem oscilando entre uma perspectiva macro/micro e uma perspectiva micro que se alinha fortemente à sociolinguística variacionista de vertente laboviana.

Outro texto que trata de projeções para a área é o de Zilles e Faraco (2006), no qual os autores fazem uma análise retrospectiva das tarefas propostas por Vandresen (1973, p. 45-46) e projetam novos desdobramentos para a área, inserindo aspectos ainda mais amplos relacionados a mudanças sociais:

- a) a urgência de enfrentarmos a questão da dinâmica social das mudanças em curso no português do Brasil; b) a relevância de trabalhar com fontes complementares para qualificar as análises que fazemos dos corpora de língua falada; c) a necessidade de enfrentar, em nossos estudos, a questão da estratificação social no Brasil, indo além da categorização dos indivíduos por sua escolaridade; e d) os benefícios de combinar estudos quantitativos e qualitativos, a exemplo do que se observa no trabalho de Eckert (2000), por exemplo.

³ Os GTs reúnem pesquisadores brasileiros de diferentes áreas e têm representatividade nacional.

Sobre trabalhos representativas da área, um exame das publicações do GT de sociolinguística na primeira década de 2000 mostra que os dois volumes de *Português brasileiro* (2003; 2008), organizados por Abraçado e Roncaratti, buscam resgatar o caráter mais abrangente da área, distribuindo os trabalhos dos pesquisadores do grupo em três eixos: contato linguístico, heterogeneidade e história, incluindo a dialetologia. Já a coletânea *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*, organizada por Martins e Abraçado (2015), é estruturada em duas partes, uma sobre descrição de variação e mudança e outra sobre interfaces (com a fonética, o gerativismo, o funcionalismo e a cognição). O *Mapeamento* novamente reflete um estreitamento do foco, aproximando-se mais da agenda publicada por Mollica e Roncarati (2001).⁴ Registre-se que nenhum dos capítulos que integram essas obras faz referência a Fishman, o que ilustra um apagamento dos seus trabalhos no âmbito de uma visão contemporânea do GT.

Outras publicações que merecem destaque na área (fora da chancela do GT) são *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*, organizada por Barretto e Salgado (2009), em homenagem a Jürgen Heye; e *Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul*, organizada por Vandresen (2006). Dessas coletâneas gostaríamos de salientar o seguinte ponto: apenas um, dentre os dez capítulos que compõem a primeira obra, faz referência a trabalhos de Fishman; e apenas dois, dentre os quinze capítulos que constituem a segunda obra, fazem referência a Fishman, cada um deles citando somente uma publicação desse autor.

Retomando os três agrupamentos das obras de Fishman feitos por García (2015), conforme apresentado na seção anterior, em relação a trabalhos realizados no Brasil, percebemos que apesar de estudos contemplarem temas presentes nos três grupos – políticas linguísticas; língua, etnicidade e identidade; e bi/multilinguismo –, que convergem no âmbito de uma macrossociolinguística, as menções a Fishman, especialmente no que diz respeito ao segundo e terceiro agrupamento, são inexistentes ou bastante escassas. Sobre o primeiro grupo, cabe mencionar, sucintamente: o projeto de extensão do grupo PoLiTicas de divulgação do legado de Fishman no Brasil (<https://politicaslinguisticas.ufsc.br/>); a tradução recente de dois artigos de Fishman (2022; neste volume); e publicações e pesquisas no campo da revitalização e reversão da substituição linguística (Mendes, 2021), nação e nacionalismo (Zuccolillo, 2000), política e planejamento linguístico (Severo, 2022) e atitude linguística (Lacerda; Leppaus, 2023), entre outros.

No panorama delineado até aqui, podemos notar que, ao lado de questões de variação e mudança linguística (que notadamente predominam nos estudos sociolinguísticos brasileiros), são também recorrentes menções a bi e multilinguismo, contato linguístico e atitudes linguísticas, temas que interessam à sociolinguística num sentido mais amplo. Essas diferentes facetas da heterogeneidade linguística remetem a olhares interdisciplinares. Nesse sentido, um aspecto relevante que também foi apontado por Zilles e Faraco (2006) é o de que o caminho mais adequado para compreender a dinâmica da variação e da mudança – pensando-as como parte das práticas sociais de uso da linguagem – é uma (re)aproximação entre a sociolinguística e a sociologia, a antropologia, a psicologia social e a história. Os autores, de certa maneira, retomam campos que deram origem à sociolinguística americana na década de 1960 e que foram posteriormente separados em duas orientações: a microssociolinguística e a macrossociolinguística (cf. Severo; Görski, neste volume). O apelo à interdisciplinaridade, contudo, é ainda feito no sentido de explicar a variação e a mudança linguística.

Nesta altura, alguns aspectos suscitam questionamentos e reflexões: i) Seria desejável expandir, no Brasil, a concepção de sociolinguística, abarcando não apenas a micro (focada na variação e mudança), mas também a macrossociolinguística – conforme entendimento inicial da área no decorrer da década de 1980 – e, nesse sentido, desvincular a forte associação que tem sido feita estritamente entre sociolinguística e a vertente variacionista? ii) Considerando que os temas abordados por Fishman estão, em grande medida, presentes no campo de interesses atuais de estudiosos brasileiros, que ações poderiam ser propostas no sentido de valorização e divulgação de seu legado? Entendemos que este dossiê busca contribuir para essas ações, conforme descrevemos a seguir.

4 APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

⁴ A partir da década de 2020, o GT passa a se organizar nos seguintes eixos: variação e mudança linguística; contato, variação e identidade; sociolinguística e ensino; e teorias e métodos para o estudo da variação e mudança linguísticas.

No texto que abre este dossiê, *Sobre o legado de Joshua Fishman*: entrevista com Ofelia García, Cristine G. Severo conduz uma conversa sobre a sua relação acadêmica com Fishman, com quem manteve longa e robusta parceria intelectual. As perguntas que nortearam a entrevista são as seguintes: Como seus trabalhos e reflexões se vinculam com a área de Sociologia da Linguagem? Como você percebe a expansão do campo da Sociologia da Linguagem para além do mundo acadêmico anglo-americano, a exemplo do contexto hispânico e de outros contextos? Você mencionou a relação de Fishman com a Psicologia e outras áreas do saber; como é possível avaliar a dimensão interdisciplinar da Sociologia da Linguagem? Quais seriam, hoje, os principais tópicos, temas e/ou metodologias presentes na área de Sociologia da Linguagem, em sua perspectiva? Por fim, você poderia recomendar alguns trabalhos principais de Fishman, para quem tem interesse em conhecer o legado deixado por ele?

Cristine G. Severo e Edair Görski, no artigo *Sociologia da Linguagem e sua relação com a macro e a microssociolinguística (Sociology of Language and its relationship with macro and microssociolinguistics)*, discorrem sobre como a Sociologia da Linguagem se organiza enquanto campo do saber, incluindo o percurso histórico de sua constituição, sua delimitação, os temas, a orientação teórico-metodológica e os objetos de interesse. As autoras exploram i) a emergência e consolidação da Sociologia da Linguagem em diálogo com a macrossociolinguística (voltada para a dimensão linguística da sociedade), com base nos trabalhos de Joshua Fishman; e ii) a relação do campo com a microssociolinguística (interessada na dimensão social da linguagem), a partir dos estudos de William Labov. Também pontuam que a Sociolinguística (macro e micro) vem, cada vez mais, reivindicando olhares integrados seja à dinâmica social, seja às abordagens e interpretações sociológicas contemporâneas, no tratamento de questões sociais e políticas do Sul Global, bem como de significado social dos usos linguísticos, entre outros aspectos.

O artigo *Can separatist ethnonationalist states create inclusive multilingual education policies? Evidence from the Iranian Plateau* é assinado por Amir Kalan. O texto explora o modo como movimentos separatistas etnonacionalistas, influenciados pelo modelo europeu de Estado-Nação, promovem políticas linguísticas discriminatórias. O autor aponta para o fracasso desse modelo na promoção de políticas linguísticas plurais, a exemplo do silenciamento de línguas indígenas minoritárias. Para tanto, o artigo se baseia no contexto do planalto iraniano, com foco na Turquia, no Cáucaso e na Ásia Central. As perguntas orientadoras da discussão são: i) A criação de um novo Estado pode potencializar uma língua oprimida, transformando-a em uma língua étnica nacional?; e ii) a criação de um novo Estado conduz automaticamente ao estabelecimento de um sistema educativo inclusivo e anti-discriminatório, que possa proteger todas as línguas étnicas e não étnicas faladas no país? Os resultados e discussões apontam que, embora seja possível a um novo Estado potencializar as línguas e variedades étnica e não étnicas, há poucas evidências históricas que demonstrem a efetivação disso, pois o modelo de Estado europeu moderno é uma das principais causas de discriminação linguística.

No artigo intitulado *Estudar a norma linguística: navegando na confluência da sociologia e dos estudos da linguagem (Studying the linguistic norm: navigating the confluence of Sociology and Linguistics)*, Nina Rioult, evocando autores de diferentes campos do conhecimento, traz reflexões relevantes acerca da prolífica conceituação de norma e de norma linguística – em torno do que é “normativo”, do que é “normal” e do que está relacionado a atitudes linguísticas – e coloca em tela a complexa e não consensual noção de língua-padrão e norma-padrão e outros termos associados. A autora salienta i) a importância de se acionar outras disciplinas, notadamente a sociologia, a antropologia e a psicologia, para enriquecer as reflexões acerca dessa temática; e ii) o interesse crescente de estudiosos da linguagem por pesquisas teóricas e empíricas sobre norma linguística, exemplificando com núcleos de estudos institucionais no Brasil e na Europa, voltados a debates sobre norma, variação e gramática.

O artigo de Themis Rondão Barbosa da Costa Silva, *TRANSlanguaging: uma perspectiva decolonial para o ensino de línguas*, apresenta os princípios fundantes da translanguagem, a criação de sentidos na perspectiva translíngua e as implicações de vivências translíngues nos processos de ensino e aprendizagem de línguas em perspectiva decolonial. A autora enfatiza que a translanguagem – ao refletir a flexibilidade dos recursos linguísticos e semióticos para dar sentidos e significados ao mundo e maximizar o potencial comunicativo dos falantes –, i) traz à tona uma nova forma de ser, de agir e de usar a língua nas práticas sociais; e ii) “questiona relações de poder e subalternização de saberes (hierarquias linguísticas, culturais e raciais que deslegitimam práticas linguísticas de grupos minoritários) e promove a justiça social por meio da educação linguística”. Ela sinaliza ainda que, no Brasil, os estudos translíngues têm se expandido, ainda que de modo incipiente.

Adriana Lessa e Lucas Costa assinam o artigo *"Black is king": language and identity in Beyoncé's use of AAVE*, que aborda a correlação entre língua e discurso identitário para mulheres negras. Os autores analisam letras de música de Beyoncé em diferentes gêneros musicais ao longo do tempo, observando a ocorrência de *code-switching* entre inglês padrão (SE) e inglês vernacular afroamericano (AAVE), em cinco estruturas sintáticas do AAVE – dupla negação, *ser (be)* invariante, ausência de cópula, plural associativo e ausência de -s na 3ª pessoa do singular. Os resultados evidenciam um aumento no uso das formas AAVE nessas estruturas (à exceção de *ser* invariante) nos lançamentos da cantora após 2010, quando ela homenageia sua herança afro-americana, o que, segundo os autores, pode ser interpretado como “uma declaração política de sua negritude”. Os resultados mostram também “como linguagem e identidade estão interconectadas por ideologia e performance”.

Fechando o dossiê temático, Cristine G. Severo traduz o artigo de Robert Cooper e Joshua Fishman “The study of language attitudes” – *O estudo das atitudes linguísticas*. Trata-se de um texto clássico sobre o tema das atitudes linguísticas, publicado originalmente em 1974. O artigo defende uma articulação interdisciplinar para abordar o tema, integrando o trabalho teórico de outros campos, especialmente a psicologia social, com a sociolinguística. Já de início, os autores sinalizam para o papel das atitudes linguísticas em relação a alguns temas, tais como: mudança linguística, comunidade de fala, aprendizagem de segunda língua, atitudes interétnicas, inteligibilidade interlinguística, e percepções de professores sobre a habilidade de seus alunos. Metodologicamente, o artigo discute, organiza e classifica 18 questões de atitude e atitude linguística em quatro categorias: a natureza da atitude, os determinantes da atitude, os efeitos da atitude e a medição da atitude, que são discutidas e detalhadas no decorrer do texto.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, J.; RONCARATI, C. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

ABRAÇADO, J.; RONCARATI, C. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história II*. Niterói/RJ: FAPERJ/EdUFF, 2008.

SEVEDRA BARRETO, M. M. G.; SALGADO, A. C. P. (org.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

FISHMAN, J. Devolvendo o social à sociolinguística. In: SEVERO, C. G. (org.). *Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas*. Campinas: Pontes, 2022 [1991], p. 61-78.

FISHMAN, J.; COOPER, R. O estudo das atitudes linguísticas. *Revista Forum Linguístico* (a sair). Publicado, originalmente, em 1974 [neste volume].

FISHMAN, J. A. A sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (ed.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974. p. 25-40.

FISHMAN, J. Putting the socio back into de sociolinguistic enterprise. *International Journal of Sociology of Language*, v. 92, p. 127-138, 1991.

FISHMAN, J. My life through my work; my work through my life. In: KOERNER, E. (ed.). *First person singular II: Autobiographies by North American scholars in the language sciences*, vol. 61. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1991a. p. 05-124.

GARCÍA, O. Obituary Joshua A. Fishman 1926–2015. *Journal of Sociolinguistics*, v. 19, n. 3, p. 391–399, 2015.

- GARCÍA, O.; HAROLD F. S. Fishmanian sociolinguistics (1949 to the present). In: GARCÍA, O.; PELTZ, R.; SCHIFFMAN, H. (ed.). *Language loyalty, continuity and change: Joshua A. Fishman's contributions to international sociolinguistics*. Buffalo, NY: Multilingual Matters, 2006. p. 3-68.
- HORNBERGER, N. Joshua A. Fishman: a scholar of unfathomable influence. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 243, p. 17-28, 2017.
- LACERDA, M. L.; LEPPAUS, A. C. S. Capixaba tem sotaque? Quem pode dar essa resposta? Questões para a sociolinguística da sociedade. *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 65, p. 68-104, jul.-dez. 2023
- MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MASTERS, K.; MAKONI, S. Introduction: Joshua Fishman – public intellectual and intellectual activist. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 243, p. 7-15, 2017.
- MENDES, M. E. I. *A vitalidade linguística no contexto do contato polonês-português no sul do Brasil*. 2021. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- MOLLICA, M. C. de M.; RONCARATI, C. N. R. Questões teórico descritivas em sociolinguística e em sociolinguística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. *D.E.L.T.A* [online] v.17, n. especial, p. 45-55, 2001.
- SEVERO, C. G. Políticas linguísticas e direitos linguísticos: revisão teórica e desafios contemporâneos. In: SEVERO, C. G. (Org.). *Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas*. Campinas: Pontes, 2022. p. 25-60.
- SEVERO, C.; GÖRSKI, E. On the relation between the sociology of language and sociolinguistics: Fishman's legacy in Brazil. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 243, 2017, p. 119-132.
- SPOLSKY, B. Ferguson and Fishman: Sociolinguistics and the Sociology of Language. In: WODAK, R.; JOHNSTONE, B.; KERSWILL, P. E. *The Sage Handbook of Sociolinguistics*. New York: SAGE Publications, 2010. p. 11-23.
- SPOLSKY, B. "Shikl, what did you do for Yiddish today?" An appreciation of activist scholarship. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 243, p. 29-38, 2017.
- VANDRESEN, P. Tarefas da Sociolinguística no Brasil. *Revista de Cultura Vozes*, v. LXVII, n. 8. P. 5-11, 1973.
- VANDRESEN, P. A linguística no Brasil. *Linguagem, cultura e transformação*. 2001. Disponível em:
<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/linguagem/ling15.htm>. Acesso em: 9 set. 2023.
- VANDRESEN, P. A trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL 1985-2001. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 13-29.
- VANDRESEN, P. (org.) *Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul*. Pelotas/RS: EDUCAT, 2006.
- ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanço e perspectivas. In: GORSKI, E.; COELHO, I. L. (org.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua (homenagem a Paulino Vandresen)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 23-52.
- ZUCCOLILLO, C. M. R. *Lingua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai*. 2000. Tese (Doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.